TL 322

Conferência de Imprensa proferida pelo Camarada Vice-Presidente da FRETILIN em 19 de Maio de 1975 na Casa dos Timores, em Lisboa.-

Ilustres representantes dos órgãos de informação
Camaradas
Compatritoas

Começo por agradecer aos órgãos de informação por terem acedido ao nosso convite para esta Conferência de Imprensa. Ao anunciarmos esta Conferência de imprensa, movia-nos (e move--nos) não só o natural desejo de divulgar entre o meio português a luta do Povo timor em que nos engajamos, mas sobretudo, a imperiosa necessidade de, por este meio, agitar o nosso problema de descolonização a fim de obtermos apoio efectivo do Povo irmão português e de todas as forças progressistas de Portugal à causa da Independência Total do nosso Povo - o Povo Timor. Relegado para segundo plano em todo este complexo processo de descolonização que em boa hora o Portugal de 25 de Abril anunciou ao mundo e estamos certos que levará até ao fim, Timor nunca foi alvo de atenções como merece a luta de todo um povo mais humilde e pequeno que seja. O próprio modo como estão sendo levadas a cabo as conversações preliminares em Díli, nomeadamente, o silêncio que pràticamente as envolve, a ausência de meios de comunicação adequados entre Timor e Lisboa de molde a permitir que os Timores em Lisboa possam acompanhar par e passo o processo ora em curso lá, como é seu dever e direito, o remetimento ao Governo local da resolução de problemas tão vitais e fundamentais para o destino do povo timor - tudo isto só vem confirmar a nossa convicção de que o processo de descolonização de Timor continua incompreensìvelmente a ser minimizado. É pois com emoção que constatamos o crescente empenho que os órgãos de informação de Portugal têm demonstrado com o interesse de pôr o público português e as forças progressistas de Portugal ao corrente da luta do nosso povo em que decididamente nos lançamos.

Vai sendo já lugar comum dizer-se que as lutas dos povos pela sua libertação não são fenómenos isolados, pelo contrário estão interligados, interdependentes. Ora o processo desencadeado em Portugal desde o 25 de Abril de 1974, que consideramos "o caso português" - é um exemplo eloquente e palpitante deste fenómeno universal - a solidariedade da luta de todos os povos. O 25 de Abril é consequência directa não só da luta denodada do povo português contra o fascismo mas também, e fundamentalmente, o resultado em que necessàriamente desembocou a ofensiva heróica dos movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas da África contra o colonialismo português. Ora o processo em curso em Timor não é mais que a consequência visível e imediata da luta vitoriosa das ex-colónias portuguesas da África bem como da Revolução do 25 de Abril.

Apesar da distância que nos separa, não obstante o isolamento a que fomos votados, nem por isso o marasmo e a estagnação sócio-económica e política a que o colonialismo nos reduziu deixou de nos criar uma extrema dependência da antiga metrópole. Daí o facto muito compreensível de que nós tenhamos todo o interesse em acompanhar a evolução da situação em Portugal. Daí também o nosso empenho de trazer ao povo irmão português e levar aos povos irmãos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo-Verde e S. Tomé e Príntipe, notícias sobre a luta do nosso povo.

A madrugada de 25 de Abril de 1974 teve repercussão directa nos destinos do nosso povo. A madrugada de 25 de Abril abriu ao nosso povo um novo horizonte - um horizonte de esperança.

Assim o aparecimento da Associação Social-Democrata Timorense(ASDT) cujo 1º aniversário celebramos amanhã, e com o avanço da luta se transformou na Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), tendo, como ponto básico do seu ideário a defesa intransigente do direito do nosso povo à independência, marca a tese fundamental de que o processo de descolonização iniciado em Timor necessàriamente deveria desembocar na independência total do nosso país. O nosso povo, através da sua história de dominação colonial, por várias vezes demonstrou a sua vontade inequívoca de se libertar. Assim temos, entre outros, os levantamentos tais como as revoltas de Camenassa, em 1719, de Cová, Cotubaba e Covalima no século passado, de Manufahi em 1912, e de Uatolári em 1959. Os fracassos de todos esses levantamentos deveram-se a várias causas, nomeadamente ao divisionismo entre os diversos "reinos" e a superioridade bélica do inimigo. E a inexistência de qualquer movimento emancipalista organizado deve-se à falta de condições que permitissem a sua criação e desenvolvimento. Assim, verificadas as circunstâncias necessárias, fácil se tornou a criação da ASDT, o gérmen da FRETILIN. A FRETILIN considera-se, portanto, a continuadora de todas as tentativas emancipalistas e a materialização das mais profundas aspirações do nosso povo.

Bem cedo porém, os céus de Timor se toldaram de nuvens carregadas que neste momento ensombram o nosso povo. É que a criação da Associação Popular Democrática de Timor (APODETI) que defende a integração do nosso país na Indonésia, veio causar transtorno ao nosso proeesso de descolonização que até ao momento se afigurava correcto. A APODETI é uma excrescência desnecessária e absurda em todo o complexo processo de descolonização que o Governo local se empenhou em levar a cabo. Descolonizar para a independência é lógico; mas, descolonizar para deixar colonizar de novo é simplesmente um contra-senso, um absurdo. Mais ainda: a um povo oprimido ao longo de quase cinco séculos de colonialismo, agravado por cerca de cinquenta anos de colonial-fascismo, a um povo sedento de liberdade, que exulta aos primeiros assomos duma nova era de libertação - barrar-lhe o caminho da sua libertação com o espectro de uma nova opressão, isto para nós não tem outro nome: é o insulto mais cruel que se pode fazer a um povo porque é consentir num atentado ao mais sagrado direito do povo - o direito à liberdade. A FRETILIN, legítima vanguarda do povo, que sempre se identificou com o povo, cuja força é o povo, cujo empenho é servir o povo - sempre pôs em causa a legi

timidade da APODETI. A FRETILIN sempre considerou a APODETI um partido fantoche por defender princípios contários aos verdadeiros interesses do povo, à lesivos do inalienável direito do nosso povo à independência. A FRETILIN vanguarda legítima do povo, tem como obrigação elementar manter a vigilância em defesa do povo. Essa vigilância traduz a necessidade de definir em cada momento o principal inimigo e assestar sobre ele todo o esforço da luta. A FRETILIN nunca teve ilusões a este respeito. Porém, a curta visão política e as manobras divisionistas dos reaccionários que entao controlavam o Governo local, em consonância com a classe dominante do País, que defendia a tese federalista, impediram que o povo se apercebesse da contradição principal em todo este processo. Foi assim que se malograram os esforços que a então ASDT envidou no sentido de fundir numa frente nacionalista e anti-colonialista única a ASDT e a UDT. Foi assim que, depois de formada a FRETILIN, nos vimos e desejamos para explicar ao povo a oportunidade duma coligação que lograsse obter crédito internacional.

Já que falamos tanto da APODETI, vamos definir em linhas gerais, o que é ela. Para nós, um partido define-se pelos seus objectivos e pelos seus métodos. Ora de todos é conhecido que a APODETI tem como objectivo a integração de Timor na Indonésia. E vamos lá a ver como justifica esta opção e quais os métodos que visa para impôr (pois trata-se de uma autêntica imposição como veremos) os seus pontos de vista ao nosso povo. Pois bem, a APODETI é um partido nítidamente colonialista, não só por ser integracionista mas também pela própria mentalidade tacanha que informa todo o seu ideário. Na verdade, entre os considerandos do seu manifesto encontramos um ponto mais ou menos deste teor: O fracasso dos cinco séculos de colonialismo português deve-se à grande distância que separa Porutgal de Timor. Ora, Camaradas desta passagem se infere que para APODETI há colonialismo bom e colonialismo mau. Eo colonialismo mau seria o português. Mas, toda a verborreia do manifesto um mal contido fundo e aaversão racistas à branco. Daí que na prática os apodetistas façam a sua propaganda com base em slogans racistas. Distinguem a todo o momento entre "pele branca" e "pele preta". A sua mentalidade e atitude colonialistas mais se evidenciam quando chegam ao extremo de minimizar e marginalizar a cultura do nosso povo. Até se consideram já indonésios, falam alto e bom som que sao indonésios a ponto de escolherem para estandarte do partido a própria bandeira do país vizinho. Claro que as autoridades portuguesas nunca permitiram que hasteassem a bandeira, como é lógico. Não falemos já das contínuas intimidações que fazem às escondidas ao povo, ou mesmo em público, no seu programa radiofónico, chegando a afirmar que o exército indonésio apoia a APODETI e que, queiramos ou não, Timor tem de ser Indonésio. Como vêem, é toda uma série de atentados à liberdade de opção do nosso povo. Não falemos já de sua prática demagógica, do aliciamento das populações à base de "esmolas" em açúcar, petróleo e aparelhos receptores da rádio - toda uma prática que consideramos oportunista e insultuosa à miséria do nosso povo - produto do colonialismo. Diga-se de passagem que a FRETILIN nunca acreditou que os problemas do nosso povo possam ser resolvidos à ba

se de esmolas. Parece que não vale a pena continuar a ladainha. É com tal partido que o Governo local se empenha, em que nos s sentemos à mesa das conversações. Ao fazermos esta proposta o Governo local esqueceu-se dum pormenor muito importante: É que a FRETILIN foi criada para lutar pela libertação do povo, nunca para pactuar com os inimigos do povo. Onde houver uma luta a travar pela defesa do povo, a FRETILIN lá estará. E o melhor atestado da justeza da nossa linha é nos passado pelos próprios inimigos do povo quando nos atacam.

Mas, camaradas, como poderemos nós aceitar conciliação com um partido de orientação nitidamente colonialista, sendo nós anti-colonialistas? Como poderemos aceitar conciliação com um partido sem nenhuma representatividade e cujos membros consideramos traidores do povo e vende-pátrias, sendo nós acérrimos defensores desse mesmo povo? Toda a prática da APODETI ao longo da sua existência sempre foi atentatória da liberdade do nosso povo. Por isso, não acreditamos que qualquer viragem oportunista da APODETI que possa vir a verificar-se seja no sentido de libertar o nosso povo. É com esta base que rejeitamos a participação da APODETI no traçado do futuro político do nosso país. A nossa posição é clara e intransigente. Mas camaradas, o nosso repúdio à integração na Indonésia e a defesa intransigente do direito do nosso povo à independência não querem significar de modo algum qualquer hostilidade para com o povo irmão da Indonésia. Neste aspecto somos claros. Todos os povos são solidários e são irmãos uns dos outros. Mas norteia-nos o princípio de que cada povo é autónomo na resolução dos seus problemas. O nosso povo quer a sua libertação e essa libertação passa necessàriamente pela nossa independência política, económica e cultural.

Lisboa, 19 de Maio de 1975

Nicolau dos Reis Lobato

Vice-Presidente da FRETILIN